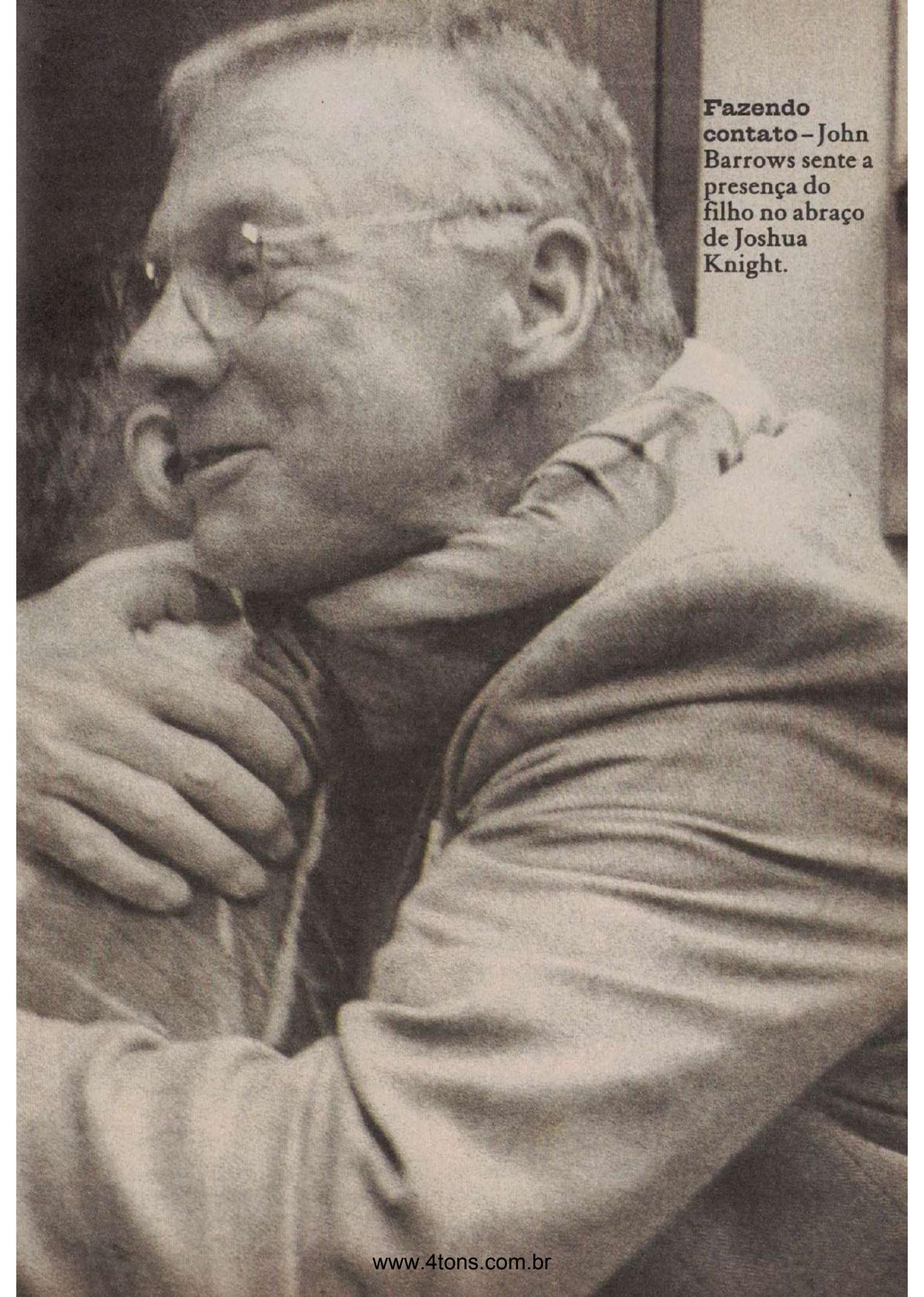


A vida deste menino

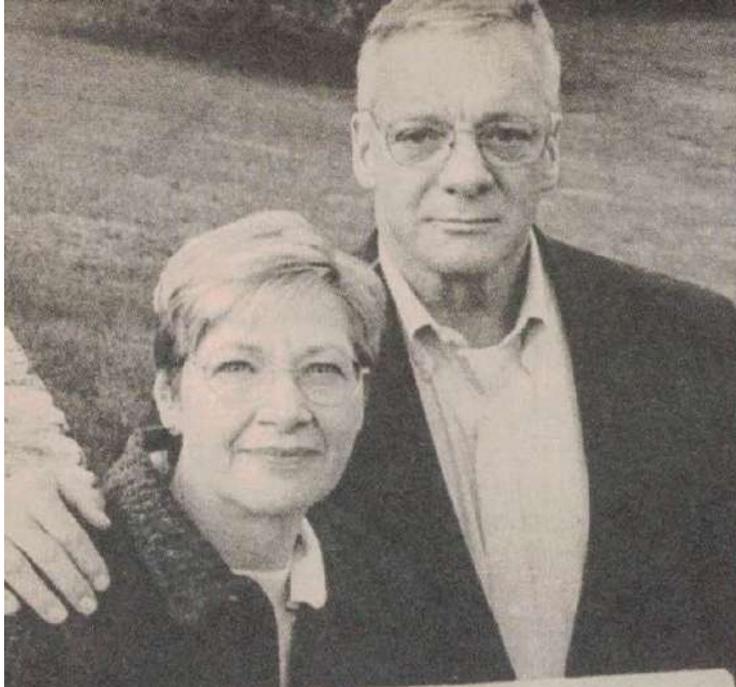
A promessa de Tim significava uma segunda chance para dezenas de pessoas

Por NEAL HIRSCHFELD

EM UM DIA de março, John Barrows e a mulher, Cheryl, deram-se as mãos, respiraram fundo e entraram na sala de convenções de um hotel em Raleigh, Carolina do Norte. Com eles estavam os três filhos, Danny, Shaun e Chris, todos rapazes robustos



**Fazendo
contato – John
Barrows sente a
presença do
filho no abraço
de Joshua
Knight.**



‘Agradecer não é o bastante’ – Fotos relembram a vida de Tim, mas, para John e Cheryl Barrows (à esquerda), nada evoca mais o espírito do filho do que sua decisão de ser um doador, gravada em seu túmulo (acima). Huey Lumley (à direita) quase perdera a esperança quando recebeu a dádiva de Tim.

de 1,80 metro. Só faltava o mais novo, Timothy.

Assim que entraram na sala, John e Cheryl foram cercados por dezenas de estranhos, muitos dos quais haviam viajado cerca de 1.500 quilômetros apenas para conhecer a família Barrows.

De início, permaneceram todos de pé, meio constrangidos, conversando de modo pouco natural. Até que Huey Lumley, 69 anos, de Cameron, Carolina do Norte, adiantou-se e se apresentou.

Supervisor aposentado de minas de fosfato, durante muito tempo Lumley sofrera de insuficiência cardíaca congestiva. Havia dois anos e meio, depois de passar por vários en-

fartes e uma cirurgia de triplo *bypass*, seu estado se tornara crítico. Um médico chegou a afirmar que ele provavelmente não viveria até o fim do ano.

Entretanto, ali estava ele em Raleigh, jovial e em forma, livre enfim das dores crônicas no peito e da falta de ar, gabando-se de pedalar 15 quilômetros por dia em sua bicicleta ergométrica.

Quando John Barrows o cumprimentou, Lumley lhe disse:

– Fico muito agradecido por existirem pessoas como o senhor e sua família.

Barrows inclinou-se e envolveu Lumley em um forte abraço.

– Deus o abençoe – sussurrou.



Naquele momento, enquanto abraçava Huey Lumley, sentindo os batimentos vitais que pulsavam através do peito dele, John Barrows estava, na verdade, sentindo os batimentos do coração de seu filho de 15 anos, Tim.

FOI EM meados de 1998 que Barrows, um executivo da IBM, e a mulher souberam que Tim havia decidido se tornar doador de órgãos.

Uma tarde, Tim irrompeu casa adentro na maior excitação, mostrando a carteira de motorista provisória que acabara de receber.

John examinou a foto do filho, que

parecia uma versão mais jovem de James Dean, com seu sorriso malicioso. Só quando tirou o polegar da frente enxergou o pequeno coração vermelho no canto inferior direito da carteira. De imediato, compreendeu seu significado.

Ex-tenente do Exército americano e combatente veterano do Vietnã, com várias condecorações, John sabia que aspecto o corpo humano podia tomar após morte violenta ou lesão traumática. Por um longo momento, seu olhar ficou cravado naquele coração. Depois, olhou o filho nos olhos e perguntou:

– Você pensou bem? É isso mesmo que você quer?

Tim abandonou sua exuberância



Vidas transformadas – Bobby Wester (com Cheryl, à esquerda) recebeu o fígado de Tim e uma nova energia. Graças ao pulmão de Tim, a família Felicio (acima) pôde passar mais tempo com a mãe. Wester conforta Shaun Barrows (à direita), ainda angustiado com a perda do irmão.

brincalhona. Dois meses antes, sofrera um grave acidente de carro que o levara ao hospital, com cacos de vidro nos olhos, nariz, garganta e ouvidos. Por isso, sabia exatamente o quanto a vida podia ser frágil.

– É, sim, pai. De verdade – respondeu.

– Amo você – disse John Barrows, abraçando o filho.

Tanto John quanto Cheryl ficaram muito emocionados com a coragem e a generosidade de espírito do rapaz. Na ocasião preferiram não pensar na possibilidade de, algum dia, aquele compromisso ter de ser honrado.

No entanto, mal decorridos três meses, o impensável aconteceu.

Na noite de 31 de outubro de 1998, Dia das Bruxas, Tim viajava na picape dirigida por Scott Miller, um amigo de 16 anos, quando o carro foi abalroado por uma *van* que trafegava a mais de 100 km/h. O motorista da *van*, Oscar Melendez, 25 anos, estava dirigindo com quase o dobro do limite legal de álcool no sangue.

Os dois rapazes sofreram graves lesões cerebrais. Melendez, que já havia sido condenado por dirigir bêbado, por agressão e por fraude, machucou o quadril.

Chamados ao Hospital Wake-Med, John e Cheryl Barrows receberam uma sombria notícia: era improvável que o filho sobrevivesse



por mais de 15 horas. Seu amigo também estava morrendo.

A dor era insuportável. Com os dois rapazes a caminho da morte, as palavras pareciam fúteis; tudo que John e Cheryl conseguiam fazer era ficar abraçados. Entorpecidos, permaneceram ali enquanto um padre católico dava a Tim a extrema-unção.

Finalmente, depois de reunirem os outros três filhos e o sobrinho, Scott Pettingill, do lado de fora da UTI, John e Cheryl lembraram a eles o desejo de Tim de doar seus órgãos. Conversaram, fizeram perguntas, tentaram entender o significado daquela opção agora. Mas na verdade nunca houve dúvida: honrariam a vontade de Tim.

QUANDO a família Barrows entrou na sala de convenções do hotel, Huey Lumley não era o único receptor de órgãos ali presente. Graças aos Serviços de Doação da Carolina, entidade de captação de órgãos, muitos outros tinham sido localizados e convidados.

Bobby Wester, 43 anos, um homem alto, de cavanhaque, trabalhador da construção civil em Rocky Mountain, Carolina do Norte, lembrou os dois anos e meio que levou aguardando desesperado um transplante de fígado. Infectado pela hepatite C, amarelo pela icterícia e tomando mais de 20 comprimidos

diferentes por dia, Wester ficou tão doente que mal conseguia sair da cama. Segundo os médicos, a provável causa de sua doença era uma infecção contraída de uma pequena tatuagem que fizera no braço esquerdo 25 anos antes, por causa de uma aposta com os companheiros do Exército.

Quando um de seus vasos sanguíneos se rompeu e ele começou a cuspir sangue, Wester achou que tinha os dias contados. Foi então que, numa operação de seis horas no Centro Médico da Duke University, em novembro de 1998, recebeu o fígado de Tim.

Agora, mais de dois anos depois, Wester está vivendo a pleno vapor, e até joga bola e golfe. "Hoje, mais tarde, eu e ela vamos pescar", comentou com alguns dos outros na sala, indicando com gestos a filha adolescente.

Próximo dali, Joshua Knight, 5 anos, que chegara de Little Rock, Arkansas, com a mãe, Carole, e o pai, Brian, brincava de esconde-esconde com os irmãos gêmeos de 3 anos.

JOSHUA NASCERA com a síndrome de Denys-Drash, uma doença genética rara que faz com que os rins percam proteína e debilita o sistema imunológico. Aos 11 meses, teve seus dois rins removidos por cirurgia e foi forçado a iniciar um programa de diálise. Nos dois anos seguintes, Joshua se manteve atrelado às máquinas 12 horas por noite, sendo submetido a freqüentes e do-

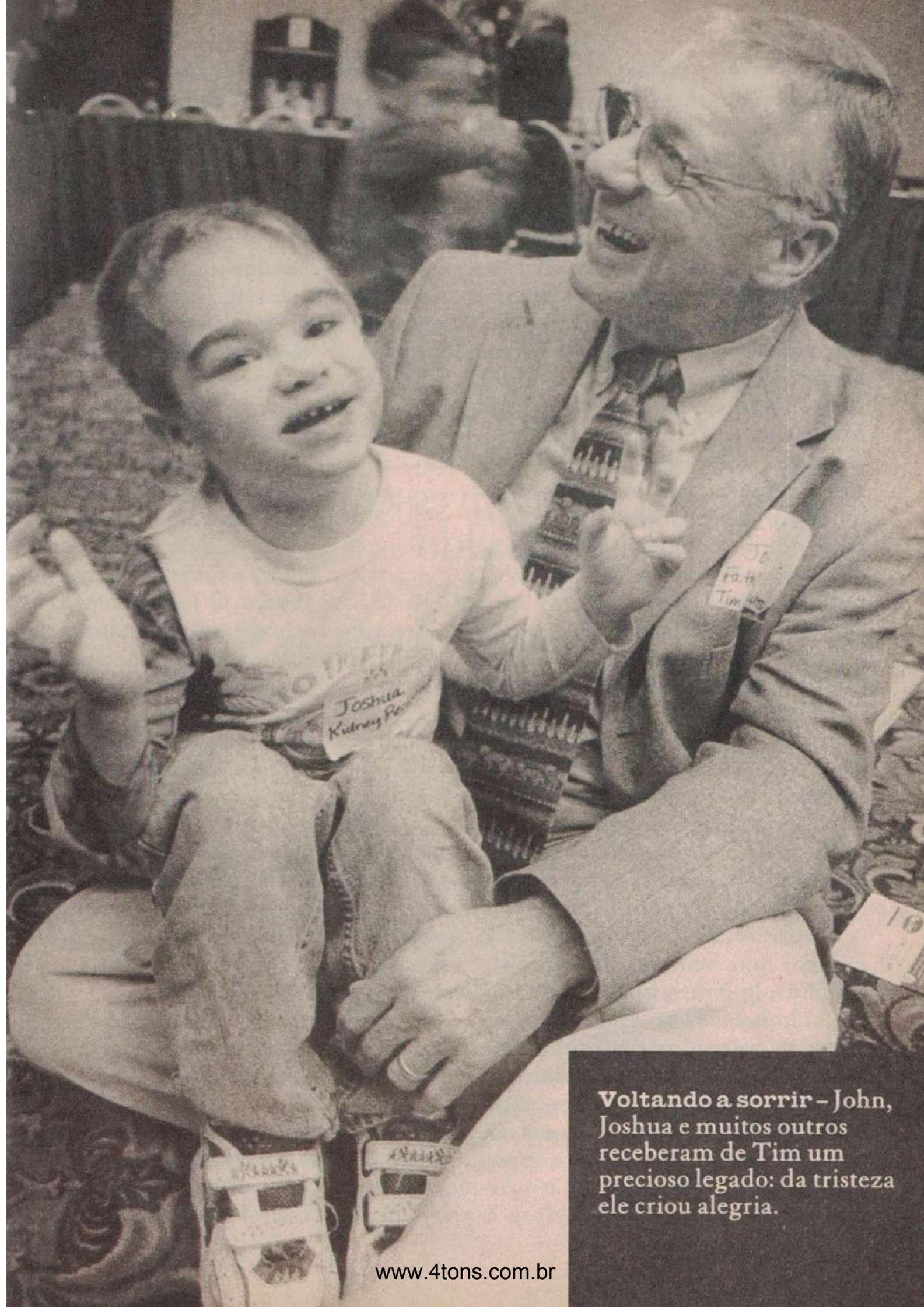
lorosas injeções. Mesmo com a diálise, o menino se cansava com facilidade e não conseguia andar mais de três quarteirões seguidos. A pele foi ficando amarelada e seu hálito tinha um odor acre. A mãe de Joshua, enfermeira, sabia o que significava ver uma criança em diálise morrer de complicações.

Em 1998, numa cirurgia no Hospital Pediátrico do Arkansas, Joshua Knight recebeu um dos rins de Tim. E, para todos os fins e efeitos, nasceu de novo.

Na noite após a operação, Joshua pulou da cama do hospital e tentou se lançar na direção do desenho animado que passava na televisão. Duas semanas depois seu rosto ganhou uma cor rosada. A energia dentro dele era tanta que começou a correr no lugar, como um avião aquecendo as turbinas para decolar. Nos últimos anos ele não perdera o entusiasmo, e continuava a correr de velocípede pelo quintal e a brincar de luta com o irmão e a irmã menores.

Vestido com uma camiseta colorida, Joshua trotava pela sala de convenções, orgulhosamente balançando os dois dentes da frente, que estavam moles, para que todos vissem. Fazia semanas que dizia aos pais o quanto queria conhecer a família de seu doador.

Nem todos os receptores de órgãos tinham conseguido ir a Raleigh. Virgal Neace, 65 anos, ex-supervisor de soldagem em Lombard, Illinois, que recebera o outro rim de Tim, ficou desapontado por não ter



Voltando a sorrir – John, Joshua e muitos outros receberam de Tim um precioso legado: da tristeza ele criou alegria.

tomado conhecimento do encontro a tempo de providenciar a viagem.

Em uma conversa por telefone dois dias antes, Neace narrou sua luta contra problemas coronarianos e circulatórios, graves a ponto de motivarem uma cirurgia cardíaca a céu aberto e 70 transfusões sanguíneas. Cada vez mais fraco, viu-se forçado a parar de trabalhar, na

Sexta-Feira Santa de 1990. “Antes de receber o rim de Tim”, contou a John Barrows, “eu não conseguia nem dar a partida no meu cortador de grama. A dor era muito forte.” Mas agora Neace já estava de novo cortando a grama do jardim, removendo a neve — enfim, realizando diversas tarefas que o fazem sentir-se vivo e

útil. “Simplesmente não consigo transformar em palavras a sensação de ver minhas forças voltarem, de me sentir de novo com 35 anos.”

Também faltou Katherine Mary Felicio, uma senhora de Sanford, Carolina do Norte, que recebeu um dos pulmões de Tim. Fumante a vida toda e sofrendo de enfisema crônico, Katherine sobrevivera durante um ano e meio após o transplante. Morreu em abril de 2000, aos 59 anos. Mesmo assim a família, grata pelo tempo extra de vida que o novo pulmão lhe proporcionara, fora a

Raleigh agradecer. “Mamãe faria questão de que viéssemos”, disse o filho, Robert Jr., a John e Cheryl.

Concluídas as apresentações, John e Cheryl pediram a todos que se sentassem. O silêncio pairava na sala quando os dois começaram a falar.

Primeiro, John Barrows contou seu perturbador encontro no tribunal, em julho de 1999, com Oscar Melendez, o motorista que

matara Tim e o amigo. Melendez se declarou responsável em duas acusações de homicídio culposo, buscando com essa atitude obter a simpatia do tribunal. O juiz, porém, condenou-o a passar entre 31 anos e meio e 39 anos na prisão.

Em seguida, falaram sobre as 76 mil outras pessoas em todo o país que perma-

neciam na lista de espera de transplante de órgãos. E como, em razão da enorme falta de doadores, somente um terço daqueles pacientes desesperadamente doentes poderia algum dia realizar seu sonho, enquanto outro terço morreria esperando.

Mas, sobretudo, John e Cheryl falaram de Tim. O mais novo e menor de seus quatro filhos tinha sido um gozador, um garoto que nunca se gabara ou contara vantagem, e que parecia ter um milhão de melhores amigos.

“Sempre desejei que todos vocês tivessem conhecido Tim”, disse John

‘Sempre desejei que vocês tivessem conhecido Tim’, disse John Barrows. ‘Agora vocês o conhecem.’

Barrows. “Agora, vocês o conhecem.”

“A morte do meu filho foi uma tragédia”, completou Cheryl. “Mas estamos orgulhosos por ele ter podido ajudar tantas pessoas. Queremos que hoje vocês saiam daqui felizes. Nosso filho também queria isso.”

Enquanto John e Cheryl falavam, a carteira de motorista provisória de Tim circulava pela mesa. Todos puderam observar suas feições sorridentes e travessas. E, é claro, o pequeno coração vermelho que havia alterado suas vidas de forma tão profunda.

Enquanto a carteira passava de mão em mão, a sala ficou sombria e silenciosa. Bobby Wester pegou o lenço e enterrou o rosto nas mãos. Quando o documento chegou ao irmão de Tim, Shaun, este começou a chorar. Num impulso, Wester se levantou da cadeira, contornou a mesa e caiu de joelhos ao lado de Shaun. Passou os braços em volta dos ombros do rapaz e chorou com ele.

No fim, a “dádiva de vida” de Tim se mostrou muito generosa.

Além da doação da maioria dos seus principais órgãos – o coração,

um dos pulmões, o fígado e os dois rins –, as córneas foram doadas a um homem de 42 anos de Nova Jersey e a uma mulher de 24, de Raleigh. Um total de 319 enxertos de tecido de seu corpo foi distribuído por todo o país, e pelo menos cem pacientes já os receberam. Osso e tecido desses enxertos foram utilizados nas operações de 19 pacientes ortopédicos em seis diferentes estados americanos e preparados para cirurgias buco-maxilo-faciais em pelo menos uma dúzia de outros estados.

Por trás desses números impressionantes estão muitas vidas, modificadas para sempre. E nenhuma foi ajudada mais incisivamente do que as das pessoas que se reuniram em Raleigh para homenagear o legado salvador de Tim.

Foi o pai de Joshua Knight, Brian, quem resumiu melhor a emoção de todos: “Não há como, em nossa língua, expressar o que sentimos. As palavras ‘muito obrigado’ não são suficientes. É algo muito maior do que um mero agradecimento... muito maior.”

TREMENDA FRIA



Um amigo e a mulher estavam pensando em viajar para o Alasca – uma viagem que o marido há muito sonhava fazer. Ele vivia falando como seria maravilhoso ficar numa cabana de madeira sem eletricidade, caçar alces e dirigir um trenó puxado por cães em vez de guiar um carro.

– Se decidíssemos morar lá definitivamente, do que você mais sentiria falta? – perguntou ele à mulher.

– De você – respondeu ela.

– MEREDITH DEVOE, *EUA*

te da Geórgia. Charlie e a mulher prepararam a mudança para o Alabama e esperaram, com o motor ligado, que *Hootie* entrasse no caminhão. Charlie buzinou e gesticulou para ele, mas *Hootie* continuou lá parado.

Ele deixara seu barraco no rio, onde vivera mais tempo do que alguém conseguia lembrar, e agora Charlie queria levá-lo para ainda mais longe.

“Preciso de você para ter certeza de que as crianças não vão cair”, disse Charlie. Mas *Hootie* continuou imóvel, o queixo encostado no peito.

Por fim Charlie pôs o caminhão em marcha e se foi, deixando *Hootie* parado no quintal.

No Alabama, descarregaram o caminhão e Ava fez o jantar. Charlie ficou de pé na varanda, perdido em pensamentos. Então foi até o caminhão, bateu a porta e saiu pela estrada de terra, em direção ao leste.

Encontrou *Hootie* nos degraus da casa vazia. *Hootie* pulou para o banco da frente. E foram para casa.

Durante dez anos *Hootie* seguiu meu avô por todos os lados, como um cachorrinho. Charlie, que falava por dois, não se importava com o fato de *Hootie* apenas sorrir, escutando, sem muitas interrupções.

Para Charlie ele não era um gnomo ou um proscrito, apenas mais uma pessoa a quem contar histórias ou com quem ir pescar. E ninguém mais incomodou *Hootie*, porque ele

estava quase sempre perto do homenzarrão.

Às vezes *Hootie* também ajudava Charlie no trabalho, por um salário decente. Comia na mesa deles e era tratado como se fosse da família.

Quando perguntavam quem era o homenzinho gozado, davam sempre a mesma resposta: “Aquele é *Hootie*. Papai o tirou do rio.”

ESCREVI esta história por muitas razões. Mas a principal foi para que se possa vislumbrar uma cultura que está desaparecendo. Algumas pessoas admitiriam, acanhadas, que nunca souberam bem se deveriam sentir orgulho ou vergonha de suas famílias.

Eu tenho orgulho de Charlie Bundrum. Acho que jamais me diverti tanto quanto ao aprender e compartilhar os casos de um homem que, se não fosse por isso, a história teria ignorado, assim como teria ignorado minha mãe e as pessoas como ela, o povo trabalhador do sul dos Estados Unidos.

Um homem como Charlie Bundrum não deixa muito além de histórias, todas contadas em segunda e terceira mãos, enquanto alguém se lembrar delas. O que devemos fazer, se pudermos, é escrevê-las.

Eu quero resgatar meu avô do passado.

P: Por que é que as pilhas são melhores do que os homens?

R: Porque têm, pelo menos, um lado positivo.

—Uma